

BRASIL-PORTUGAL

16 DE JANEIRO DE 1904

N.º 120

A bordo da canhoneira "Patria,,



Grupo tirado na ocasião da entrega do navio ao Governo



CHRONICA

Esta primeira quinzena do mez de janeiro é em Portugal destinada aos preparativos bellicosos para as campanhas parlamentares. Logo no começo, no dia 7, o chefe do Estado — rodeado d'aquella pompa official que se regulamentou por maneira a acrescentar o brilhantismo dos actos solemnes, — vem á sala para onde convocou os pares e deputados, e faz leitura do discurso inaugural. Em quanto elle assim está dando conhecimento publico dos actos com que os seus ministros, no intervalo parlamentar, felicitaram a nação, e participa os projectos com que os mesmos cavalheiros pretendem dar a ultima demão na prosperidade e riqueza progressiva da patria — sua alteza, o sr. infante D. Afonso, condestavel do reino, conserva-se ao lado do throno, de estoque desembainhado, marcial e solemne, como quem procura dar com nitidez o significado da sua missão n'esta alta festividade constitucional. Não calculam como ao ver isto, anno atraz d'anno, o meu espirito, com uma independencia que é superior ao dominio da minha vontade, se despreocupa d'aquillo que el rei está lendo — e cuja magnitude para a vida nacional é escusado encarecer — para se absorver inteiramente no esforço de perscrutar o significado do acto que o sr. infante D. Afonso é chamado a desempenhar perante os representantes das duas camaras, n'esse dia e ali reunidos!

O estoque heroico que o Santo Condestavel levou aos campos onde se combatia pela independencia da patria e pela legitimidade d'uma nova soberania popular — apparece ali, erecto e lanuejante, como um aviso ou como um symbolo? E' a espada a vigiar a palavra? A força impondo a ordem? O ferro a conter as demasias do suffragio?

Não pode ser. Seria uma provocação, um perigoso alarde de força instigando a reagir contra a humilhação propria do acto.

Será então um symbolo? Uma formula destinada a traduzir a combatividade nas luctas politicas? Será uma maneira de significar aos partidos, que sendo diversas as suas aspirações, variados os seus processos d'administração, opostas as suas tendencias, — o seu dever é lutar, activa e energeticamente, pela palavra que convence e pela acção que exemplifica, com o verbo e com o ferro nu, até alcançarem a dominação sobre o adversario.

Não pode ser, tambem. Se fosse isto, — e se o estoque de sua alteza passasse do simples apparato ceremonioso a arma executiva de flagello, — os dois grandes partidos nacionaes... seriam victimados na pessoa dos seus dois chefes reconhecidos. O sr. Hintze Ribeiro e o sr. José Luciano de Castro, teriam dado a alma á Historia — ou o sr. João Franco teria, por alarido calunioso e espetado no chifreiro, punido, até as profundidades do intestino grosso.

Não tendo succedido nada d'isto; não se correndo risco, felizmente, de que pessoas tão excellentes venham a perecer victimadas pela tendencia, tão affectuosa como irresistivel, das relações que desde muito as traz unidas, eu continuo a suppor que o estoque de sua alteza o contestavel do reino, apparecendo, erecto e nu, na sessão real da abertura das camaras portuguezas, deve ter uma significação, que as minhas cogitações ainda não acertaram a traduzir, — mas que, no fundo, deve ser um convite bellicoso.

Ora um facto, — que a historia d'esta quinzena me obriga a registrar — é que este anno, o combate politico parece destinado a harmonisar-se mais do que nos proximos annos anteriores, com o desejo que, ao principio do anno, o sr. infante, pensam na conveniencia de hostilidades mais perfurantes. Se por parte dos dois grandes partidos que se tem alternado no poder, esta tendencia, até ao momento em que escrevo, apparece apenas esboçada, o mesmo se não pôde dizer do grupo dirigido pelo sr. João Franco, — grupo que no parlamento é simplesmente representado pelo algarismo que antecede a primeira unidade numerica. Confiando pouco na efficacia da guerra a fazer dentro da camara, sabendo que o numero 113 só é poderoso como representação do Deus univrsi, e que, emquanto a sua influencia seus effectivos extra-parlamentares quasi completos, poz os pés ao caminho, e abalou por ahi fóra em propaganda de violenta opposição. Um dos intuitos, confessado desde logo, foi o mostrar, especialmente ao sr. José Luciano, como se combate... e como se come.

Veem chegando noticias dos primeiros discursos e dos primeiros banquetes. A respectiva d'elles, o sr. infante, pensam na conveniencia que elle excedida mesmo na mais larga previsão. Tem encontrado, por toda a parte, partidarios resolutos até á indignação, e correligionarios dedicados até ao exagero rhetorico. Cada um d'aquelles que por lá topa — como como sete e talá como quatorze. Tem he apparecido bojudos abhades minhotos providos de estomago privilegiado, como o do avestruz, que depois d'accommodarem um leitão inteiro, assado, se offerceram para devorar o sr. Hintze Ribeiro, cru, — mas assado de s. ex.ª seja acompanhada com a farda rica, o espadim e o respectivo e principesco topanho.

Se, para os que o escutam, tem sido grande o movimento d'arraste, produzido pela palavra nervosa e incorrecta do repousado estadista, a influencia communicativa das suas predicas alastra por conchellos,

villas e aldeias onde as caopeiras e as pocilgas não chegaram a contribuir para os festivos, que n'esta época do anno são obrigados a gallinha gorda e a cerdo cevado. De Vianna irradiou a doutrinação, a adultos e parvulos, para a banda de Paredes de Coura. De Braga propagou-se á Espouzene — e leva traça de entrar nas Terras de Bouro. Do Porto passou, com rapidéz increditavel, a Boasica. De Aveiro já correu entrado em Macieira de Cambra. De Coimbra passou logo a Oliveira de Hospital.

A variola, com ser muito contagiosa, não é mais communicativa do que esta communicativa bexiga politica!

Emfim, o que já não deixa duvidas ainda aos mais descrentes, é que a excursão do sr. João Franco ao norte foi recompensada com o premio condigno a tão oportuna decisão. As multidões vão-lhe na pigriada.

Devo dizer que, a mim, nada do que a tal respeito está succedendo me surprehe. Não é por me gabar — mas tinha visto tudo, tudo... ha mais d'um anno, no palco de D. Maria, quando se representou o *Suave Milagre*, o meu querido amigo cometeo d'Armoso, se não foi o que aconselhou foi quem suggestionou, com a sua peça tão festejada, tudo quanto agora se está passando. Quem então ouviu o que elle contava occorrer na Galilea, logo podia perceber que o sr. Ferreira da Silva dava disfarçado aviso do que estava para succeder entre Douro e Minho. Agora, que tudo está posto a claro, posso mesmo dizer, sem praticar uma indisciplinavel inscripção, que, uma noite, o sr. Fossier, — ao entrar em scena com o seu bello uniforme copiado com fidelidade — do que Poncio Pilatos usou durante o tempo de seu governo na Judéa, — me piscou o olho maliciosamente, como quem queria accentuar que estava para breve a reprodução de tudo aquillo.

Pois o que é, em resumo, esse delicadissimo episodio biblico, que Bernardo Pindella com a aptidão d'um verdadeiro artista, extrahiu do conto tão bem trabalhado por Eça de Queiroz? Digamos o entreccho para a exacta comprehensão dos que nem o viram nem o leram.

Na Judéa, empobrecida e experimentada por todas as desventuras, o desalento apoderara-se das multidões que soffriam. Um dia principiou a correr noticia de que um Rabbi apparecera para as bandas da Galilea, e que dava remedio a todas as dores do corpo e fazia cessar todos os soffrimentos d'alma. A's mais longueiras paragens esta nova era levada pelas caravanas que atravessavam o deserto e pelos legionarios destacados para as distancias das montanhas. Os desalentados buscavam o Messias, mas o filho de Deus, feito homem para a remissão do peccado original, desatendendo as supplicas interesseiras dos ricos e poderosos, só se mostrou, só acudiu aos rogos e ás lagrimas, d'uma pobre mulher, mergulhada na mais funda miseria e na mais lancinante dor, que invocava com desespero o Rabbi, ao ver que a filha indolente pouco a pouco se ia afinando nas pavorosas trevas da morte. E' então que a porta do cabana se abre, um grande fôco de luz celestial illumina tudo, e o Messias, doce e carinhosamente, annuncia:

— Assim o drama representado em D. Maria; vejamos agora como é a peça politica representada no norte do paiz.

E' tal qual! Primeiro soube-se que das caravanas que percorrem, — sem camellos, — a serra do Mezio; dos acompanhamentos que os legionarios levantam nas margens do Lima; dos apriscos, que os pegueiros que apascentam os rebanhos lambreros, formam, com toscas canoas, nas cumieiras do Geraz; das cubanas colmadas que ás noites abrigam os cavadores, todo o dia dobrados a revolver a terra endurecida — vinha, com persistencia, o echo, sempre crescente, de vozes supplicantes e de soluços afflictivos, exprimindo duras misérias sem conforto. Depois soube-se que de quando em vez, perpassava, — ligeiro e mysterioso, como se fosse suspiro de briza posto ao de leve na aza d'uma andorinha, — um tenue murmurio, annunciando que na vauca Lybba, a cidade plantada no extremo occidente, roida de ventos... e de commissarios régios, um Rabbi apparecera, prometendo... regenerar a regeneração. As multidões, assim alvoroadas com esta boa nova, anciavam pelo ver; pediam para o ouvir; supplicavam que elle estendesse a sombra das suas mãos por sobre a chaga das suas misérias. Como no *Suave Milagre* a delonga em attender esta supplica levantava duvidas — e inspirava quadras. Pela quebrada dos montes ouviam-se homens, cantando:

PRIMEIRO HOMEM

A é ora nos invade
Ora de nós se retira,
Ninguém sabe o que é verdade
Ninguém sabe o que é mentira.

OUTRO HOMEM

Quem se aventura a soffrir
Já não entende outra vida,
De tanto crer e descreer
Temos a crença perdida!

OUTRO HOMEM

Mas lá vem nas profecias,
Lá rezam os livros santos
Que assim que venha o Messias
Acabam fomes e prantos.

Felizmente estas rimadas vozes de desalento foram ouvidas... por o sr. José Novais e comunicadas, sem perda de tempo, ao sr. Malheiro Reyrião. Os votos supplicantes foram exalçados. Viu-se então um grande clarão illuminar as estradas de ferro... Era a fornalha das poderosas Compound devorando toneladas de carvão. Sentiu-se um guincho, aspero e temeroso, como o da buzina assoprada em frente das muralhas de Jericó... Era o silvo da locomotiva, dizendo, n'um arfar de triumpho, aos guardas da via: — cá vae elle! E quando o comboio parava, e a multidão dos fieis, ajuntados em ancia suprema, estendiam os braços, n'uma invocação religiosa e theatral, em que a ultima duvida como que se misturava com a ultima prece, — a portinhola do salão atrelado á cauda do comboio, abria-se, de vagarinho, e o sr. João Franco, docemente, como o Rabbi ao assomar ao limiar da porta do miserio casebre da pobre creancinha da Galiléa, pronunçava a phrase final do drama biblico: — Aqui estoul!

A prova, — como dizia o homem da canção, — que logo que chegasse o Messias, acabaria a fome e os prantos. tem sido dada, exuberantemente, nos banquetes opiparos e no fuguetorio estrelante. Aquellas festas triumphaes correspondem, porém, ao terrivel momento, soando como dobre de funeral nas exequias dos dois Carlos quintos do imperio rotativo. Os srs. Hintze Ribeiro e José Luciano de Castro so lhes resta renunciar, por bem, á chefia dos seus partidos, — senão querem ser victimados pelas multidões, que em tão alto clamor pedem... páo e Franco. Vão para um convento! Façam-se trapistas! Remettam-se á penitencia e ao silencio! Vão para um convento! E quando — de grossas camandulas pendentes do cordão da ordem, de sandalia aberta presa nas correias de couro duro, e de vestes de burel, aspero e humilde, — se cruzarem, na via dolorosa que vae de capella a capella, penitenciem-se das entrevistas passadas, trocando apenas entre si a saudação melancolica e sacramental, a que o rito da ordem dos monges silenciosos prescreve:

— Irmão, é preciso morrer!

O que em phrase mais mundana e de mansidão menos christã, pôde traduzir-se, assim:

— Irmão, o Franco foi-nos ao pêllo!

J. BAMBOSA COLÉN.



A bordo da canhoneira «Patria»
Conselheiro Dias Costa Ministro da Marinha
Contra almirante Augusto de Castilho

O BALÃO

O balão entrou na moda lisboeta em 1855. A primeira senhora que teve a coragem de se apresentar com esse artigo de toilette nas ruas de Lisboa foi Madame Seisal, casada com o Esteves Costa, por alcuha o *Petit-Janota*. Tendo ido com a nova asia-balão ao Passeio Publico na tarde de 31 de julho de 1855, alguns peralvielhos da Baixa, que por ali andavam ao lambisco, crivaram de motojos e de larachas a pobre senhora, que, por tanto, se retirou immediatamente de trem. O correspondente do *O Nacional* do Porto palestrava a este respeito no jornal de 4 de agosto: — «No Passeio Publico deu-se hontem uma scena, que não



Henrique Antonio de Sousa

(f em 3-1-904)

O «Brasil-Portugal» presta homenagem a um homem que foi profundamente desgastado e grandemente honrado Henrique Alves nasceu no Minho, e de ali partiu para o Rio de Janeiro, onde mais tarde foi chefe da afamada casa *Soma, Alves & C.*, que ha cerca de 2 annos falliu, achando-se elle em Lisboa, onde perdera a sua companhia de muitos annos. Toda a sua fortuna se sumiu na voragem. Ficou pobrissimo, mas ficou-lhe o nome sem macula. Paz á sua memoria.

depõe muito favoravelmente a favor da civilização da capital. O neto do visconde das Picóas é casado com a filha do visconde de Seisal, que por signal não foi nada favorecida pela natureza. Essa senhora apresenta-se todos os dias no Passeio com uma toilette sumamente extravagante. As saias teem uma roda pavorosa, e ainda em cima lão enfiadas com gomma, que tomam uma quarta parte do passeio. Mas uma toilette assim pôde excitar o riso em passante, mas nunca uma assuada como hontem se deu. Madame Costa foi seguida e coberta de motojos insolentes, e obrigada a retirar-se, sendo acompanhada até á carruagem por uma multidão de homens, que deram uma tristissima idéa de si e da sua educação. Em Freixo de Espada á Cinta não se commetteriam grosserias d'este lote. O correspondente do *Bras-Tizana* commentava em 14 de agosto: — «Não se fala de outra coisa senão da assuada que alguns janotas da capital fizeram no Passeio Publico aos estupearmosos folhos de certa fidalga, que pela braga do marido. A scena foi horripilante e de uma intolerancia insupportavel. No tempo do Manique os taes amiguinhos eram aboletados na nau da India. O *Seculo* de 1 de agosto, depois de condemnar «as saias levadas ás proporções de basilica, censura o caso do Passeio Publico; e o *Populor* de Coimbra teimava, no andar do terreo do jornal, que era impossivel pegar a moda, porque nem todos tinham a coragem do *Petit-Janota*».

Nas synagogas dos janotas, nos consistorios dos parelheiros e nos congressos femininos das saias, todos opinavam, que o balão era caricatural, quasi indecente. Certos florios, muito versados nas argucias da candonga, asseguravam que o balão se prestava ás subtilzas das cavillações contrabandistas. Archeologas matronas, que, na sua longinqua mocidade, haviam estylado os anchos vestidos de folhos e os ridiculos chapéus á laia de ceira de figos, affirmavam que a pretensa elegancia do balão estava para a authentica elegancia do vestido de 1836 como a orchata estava para o vinho de Champagne. Tanto as casquilhas que se alavam na phosphaera azul da aristocracia como as que rastreavam no disco pallido do burguezismo, todas confessavam que o balão era supinamente inesthetico. Aquella esphera a estupear ambulante, dentro da qual bastas vezes se escondia um phantasma aereo, foi crumentemente chalaceada por criticquinhos azuimados, que realisaram verdadeiros *faits d'armes* de troça em artigos lapidares. Como simples commentario a tudo isto, devemos dizer o seguinte: um mez depois da occorrença do Passeio, todas as lisboetas do trinque anestesiavam os esculpulos, nascoltavam o pejo... e usavam o balão.

Aparentaremos algumas criticas feitas ao balão em 1856, e theatro e no periodismo. Na noite de 6 de janeiro de 1856, subiu á scena no Gymnasio uma revista do anno intitulada *Fossilismo e Progresso*, original de Roussado. Uma das suas personagens, a Princesa da Semsaboria, atravessava o palco com um vestido de roda assombrosa, enquanto uma peixeira a seguia apregoando: — «Quem as quer vivas e grandes! Sem sal! Sem sal! pregão em que se alludia evidentemente ao balão da Seisal. O *Jornal para rir* de 1856 apresentava as caricaturas de alguns individuos, que, para maior commoventidade, se faziam transportar sobre as ancas dos merinques das esposas. Um escribomanicozo dizia no *N. S. S. S.* de Cintra, que um par de casadinhos de fresco, não encontrando hospedia para pernoitar n'aquella villa, armara o merinque da esposa no Campo de Seteais e ali dormira como em barraca de campanha. Um plumi-gero folhetinava em verso:

Não recies d'amor soffrer o ataque,
Não faz a setta sua ao merinque

A Companhia Lyrica no Theatro de S. João, do Porto



Hariclée Darclée



Maestro Tutti



De Lucia
Celebre tenor



Elvira Ceresoli
Distincto meio soprano



Emanuele Bucalo
Barytono



Olga Sabbadini
Soprano ligeiro



Eugenio Giraltoni
Celebre barytono



Cesira Ferrani
Distincto soprano



Angelino Fornari
Barytono



Carlos Silva
Baixo portuguez



Maria d'Arneiro
Soprano



Luigi Tavecchia
Baixo



Esther Adalberto
Distincto soprano



Giovanni Lunardi
Tenor dramatico



Ricardo Sillingardi
Tenor



Pepita Sanz
Soprano ligeiro



Nicoletti Kormann



Carlos Dan

*Nem leve contusão!
E' reducto que assuta o mundo inteiro,
Que não pôde a mulher ser fogar,
No ventre d'un balão (1).*

Outro folhetineiro d'O Futuro de 1858 chamava aos balões "so-phismas de toilette inventados pelas Levailiantas para suprimirem a graça, o encanto, a elegancia e o prestigio nas bellezas duvidosas ou já decadentes." O Athenes de Coimbra de 1859 disparava o seu mosquete de guerra contra o balão:

*Quando vejo uma lesma empanonada
Vir de sua-baixa e de seu-canto,
E as velas todos desfraldando ao vento,
De vento em pópa reduzir se a nada;*

*Lembra-me vêr sardinha alcachofrada,
Apostrophando ao humido elemento:
—Se faz favor deixar tomar assento —
Arrotando-lhe postas de pescada.*

*Fico a olhar assim como um pateta,
E a pensar no tal "corrente-rota" . . .
Horacio, digo, Horacio era propheta.*

*Mas eu não sou tambem nenhum idiota,
Que não saiba que cauda de cometa,
Certo e sabido — gambia de gaveta.*

Em 1861 sahiam á luz os Despiques que dá uma senhora de balão ao afasta, janota, afasta. E ainda em 1865, já no poente da moda, verso-ava O Duende:

*Cinco satius, um balão,
Pra fazer espalhoado,
Trazem abalãs á cinta,
Fazem cutulas com futo.*

Finalmente, a musa das encruzilhadas tambem metteu o bedelho no assumpto, motivo por que o cancionero das ruas regista estes versos e outros que taes:

*Afasta, janota, afasta,
Deixa passar o balão,
As varas são sete juncos,
Que dinheiro custardo?*

*Tenho renda, faço renda,
Cada vara é um tostão,
Doze varas não me chegam
Pra rolar do meu balão.*

*Que linda fita da moda
Eu tenho na minha saia,
Afasta, janota, afasta,
Que o balão é de cambraia.*

*Que linda vae a menina
Com a saia de fustão,
Afasta, janota, afasta,
Deixa passar o balão.*

*E's bonita como o sol
E clara como o carvão,
Afasta, janota, afasta,
Deixa passar o balão.*

Em Lisboa, o balão com arcos de junco principiou por custar dez tostões e chegou a custar apenas cinco tostões. O balão mais catita confeccionou-se primeiro com arcos de baleia, e depois com arcos de aço flexiveis e articulados, constituindo assim uma especie de gaiola com um systema de molas, graças ás quaes o balão podia diminuir de volume. Este ultimo denominou-se *merinaque* e substituiu o bilão de arcos de baleia. Os francezes davam ao balão e ao merinaque o nome generico de *crinoline*, nome que lhes provinha da tela de que eram feitos, e que já se empregara nas aprumadas gravatas burguezas e nas ventripotentes mangas á *gigot* do tempo de Luiz Philippe.

A imperatriz Eugenia, no zenith da magestade espelhança da elegancia, impoz o uso da *crinoline*. Esta imposição foi aceita com boa sombra, porque rescendia aos aromas capitosos do parisiense, uma essencia desconhecida nas retortas dos chimicos, nos recipientes florentinos dos laboratorios, nos lambigues dos perfumistas, nos vaporisadores dos gabinetes de vestir, nos pulverisadores dos cabeleiros e nos frascos irisados dos touceadores. Todavia, os caricaturistas e os cronistas irreverentes combateram a *crinoline* a picadas de lapis e a sinapizações de pilherias, o que não impediu que as modistas superiores vissem os seus armazens invadidos pela chusma das suas clientes de Farnugio, ansiosas de se uniformisarem segundo os ritos prescriptos pelos Worths, as Au-

rellys e as Félicies — os que conduziam a moda *four in hand*, os que sabiam fixar o sorriso fugaz das elegancias lineares, os que prefeccionavam de cathedra sobre a geometria do adorno, a psychologia do trapo, a metaphysica das rendas, a dialectica secreta do lornhão e a diplomacia capciosa do leque.

A Igreja desencadeou os trovões rugidores dos seus anathemas contra a phylacia balófia da *crinoline*, e a Medicina insurgiu-se contra essa moda, averbando-lhe a responsabilidade de varias doencas, como o rheumatismo e os resfriamentos. Mas a *crinoline* continuou a inchar como a rã de La Fontaine, e, como ella, a desejar a amplidão bovina. E a mulher, com a sua philosophia accommodatícia, deixou mofar, prégar, dissertar, não deu tento á gargalhada sardonica dos doutores da critica e continuou a trazer *crinoline* até 1867. Usaram-na, indistinctamente, as deusas da elegancia alcempremada e os idolos do vicio doirado, as aguias do *faubourg Saint-Germain* e as garças reaes do *quartier Brda*, as estrellas das Thieheras e os meteoros do Mahille, todas as legitimas depositarias do *chic*, esse atticismo da rã gaulesa — amostra espirituosa e luminosa da multiplia humanidade.

Nas olympicas regiões da moda, já por diversas vezes se tem discutido a oportunidade de se regressar ao uso do balão. Não nos admiraremos, portanto, de que, quando mal nos precataríamos, o vejamoz reaparecer. Depois do excesso das *toilettes* justas, repuxadas, talvez venhamos a cair no excesso contrario, porque a experiencia diz-nos que as modas dependem simplesmente de um nada todo-poderoso, que se chama um capricho de mulher bonita, e que a lei reguladora do *chic* é a lei dos contrastes phantasiastas. E assim se justificaria, mais uma vez, a resposta da modista Bertin a Maria Antonietta: — *Yl n'y a de nouveau que ce qui est oublié.*

Contudo, nas farfallarias da moda, mais do que em qualquer outro assumpto, não é possível prever seguramente o futuro. Porque Deus criou a mulher, a sua mais bella obra, e depois descançou; mas a modista parisiense — essa encarnação graciosa de uma arte natural — transforma-a continuamente a seu livre alvedrio, um dia em bainha de espada, outro dia em funil, outro dia em sino, achatada por aqui, tufada por ali, esticada por acolá, deformada de todas as maneiras. Faz lembrar a celebre boneca da rua de Saint-Honoré do seculo XVIII, que os Goncourts diziam ser a imagem mudavel do coquetismo do dia, incessantemente vestida, despida, re-vestida, á vontade de um capricho subitaneamente nascido n'uma ceia de mulheres facéis, no camarim de uma danarina da Opera ou de uma actriz do Rempart, na officina de uma costureira do tom. Afinal de contas, a moda é uma religião, que conta numerosos proselytos, mas que tem tambem os seus martyres.

PINTO DE CARVALHO ('Tinop').

O monumento ao Visconde de Valmor



Cadê de Antunes Neves

Inaugurado no largo da Bibliotheca em 10-1-1894

(1) O Periodico dos Pobres, do Porto, 6 de outubro de 1857.



Julia de Gusmão

Todos os criticos francezes, ao fazerem o balanço do anno litterario, curvau-se reverentes perante a Mulher de letras, pois a escriptora femininos se decem em França os melhores livros de 1863.

Foram sobretudo os nomes da condessa Mathieu de Noailles e da baroneza de Pierreboung seguidos dos de Daniel Lesueur, de Judith Gauthier, de Lucie Felix Faure e de tantas outras, que fizeram brilhar a litteratura franceza no anno que vos findo.

Não poderiamos dizer outro tanto se excessivamos das letras portuguezas, apesar de termos já hoje um nucleo de escriptoras que muito honra ao pais, sem mesmo falar em Maria Amalia Vaz de Carvalho, astro de primeira grandeza na constellação feminina do nosso ceu artistico.

Mas o meio não se presta a uma eclôso tão victoriosa de livros e sem elles não ha brilhaturas possiveis. Além de que o nosso estro poetico, sendo muito mais forte do que a nossa aptidão para a prosa, chama para o verso a maior e melhor parte das escriptoras portuguezas, e nos tempos que vão correndo não é essa tendencia a mais apropriada para dar notoriedade nas letras.

Apesar d'isso, porém, se Julia de Gusmão, se Maria Yelledo, se Albertina Paraizo e outras tivessem editores facris, que esplendidos canteiros de versos, que admiraveis e altos livros nos não patentearia a litteratura nacional, ao lado e a par d'esse velho «Corar inmembrabile» da condessa de Noailles e d'esses esplendidos volumes de Helena Yacaresco!

O «Brasil-Portugal» justifica o seu ditto publicando hoje alguns versos que a muito custo conseguim arrancar d'implicita modestia de uma d'essas senhoras. São versos repassados de sentimento nas composições: «A noitinha» e «Estrellas»; são versos d'um elevado conceito philosophico na peça: «Feliz?» e todos d'uma forma impecavel, d'uma correção meticolosa. A traducção magistral do «Cantico das creaturas», de S. Francisco de Assis, desmente por completo o conhecido prorebio italiano: «traduttore traditore». Verdido para portuguez por Julia de Gusmão parece que mais se acivou o seu colorido com o nosso resplandecente sol, mais se aromatizou com as essencias dos nossos matos, mais se elevou n'um grande sentimento pantheista e, finalmente, mais se consubstancia com a Natureza.

E' com intima satisfação artistica que enriquecemos hoje as paginas da nossa revista com os bellos versos da directora do «Almanach das Senhoras», tão espalhado e apreciado no Brasil e em Portugal, e cada vez mais, graças ao diavolo com que d'elle cuida a senhora D. Julia de Gusmão.

Publicando o retrato da illustre poetisa prestamos uma respeitosa homenagem ás mulheres de letras portuguezas na pessoa de uma das suas mais justamente respeitadas e laureadas representantes.

Feliz?

«Feliz o homem rico!» Alguem dizia,
dinheiro onde chegou, tudo venceu!
Vive para gozar! um gesto apenas
e tem quanto quizer! O mundo é seu!

Mais me seduz, responde altivo moço,
a vida do herde que alcança a gloria.
Feliz aquelle que já tem por certo
que ha de ir se sua nome abrilhantar a historia!

Vaidades! ambições! pondera um velho,
tudo miséria e pó! digno de inveja
um homem simples que de pouco vive,
contente, nada pede nem deseja!

Pensei então: Feliz só julgo aquelle
que nunca a dor suprema experimentou,
que não perdeu na vida mais que a vida,
Vendo morrer aquelles que adorou!

Julho de 1902.

Estrellas

Estrellas que andaes tão longe,
que em taes alturas brilhaes,
deveis saber com certeza
noticias celestinaes.

Falae-nos dos que partiram
levando na despedida,
entre as mãos regeladas
pedações da nossa vida!

Outubro de 1898.

O cantico das creaturas

(De São Francisco de Assis)

Bemdito sejas, meu Deus,
por todas as creaturas,
que como Pae protegeis
lá das immensas alturas.

Bemdito sejas momente
pelo nosso irmão, o Sol,
que no mar da nossa vida
é o brilhante pharol.

Tão bello e tão radiante
de tão divino esplendor,
que a testemunha imponente
do vosso poder, Senhor!

Pela nossa irmã a Lua
sejas louvado, meu Deus;
e p'las estrellas formosas
que além scintillam nos ceus.

Louvado tambem sejas
pelo Vento nosso irmão,
pelas Nuvens, pela Bria,
pelo enorme Furacão.

Pois de todo esse conjuncto
é que vos servis, Senhor,
para sustentar no mundo
os fillos do vosso amor.

Bemdito sejas, bemdito,
pela Agua nossa irmã,
tão util e tão humilde,
tão preciosa e tão sa.

Pelo Fogo nosso irmão
que é tão forte e tão bonito
e que as trevas afugenta,
bemdito sejas, bemdito!

Bemdito sejas, meu Deus,
pela Terra, nossa mãe,
que nos dá fructos e flores
que nos alegram tambem!

Que em vida nos alimente
e que na morte, ainal,
abra o seio nos nossos restos
com piedade maternal.

A noitinha

A MINHA MÃE

Quando, ao cair da noite,
volto ao modesto lar,
a fronte conturbada
de incesso labutar,

E ao fim do meu cansinho,
exhausta de fadiga,
vejo a casinha brasona
que o meu thesouro abriga;

E a minha ampla varanda
onde eu diviso alguém,
onde me espera ansioso
um doce olhar de mãe,

Entra-me uma alma nova
no corpo quebrantado;
esquecem-me as canções;
suspendo o meu cuidado;

E qual surgir de aurora
que me illumina a cruz;
ouço o cantar das aves,
vejo e raiar da luz!

E tu, santa velhinha,
aperta-me em teos braços;
dalcissimo conforto
para estes membros lassos!

São teos cabellos brancos
a neve abençoada,
que vem refrigerar-me
a fronte afogueada!

O teu sorrir de santa,
a phrase graciosa,
são raios d'uma estrella,
perfumes de uma rosa,

Que o meu viver encaixam
e banham de fulgor;
narcotico suave
que me adormece a dor!

Então n'um santo enlevo
levando a voz aos céus:
«Prolonga-me esta vida
que é bem feliz, meu Deus!»

Maio de 1895.

JULIA DE GUSMÃO.



EXPOSIÇÃO COLUMBANO — Inaugurada nas salas da redacção do «Diário de Noticias», em 9-1-904

A Cascaes!

D'antes dizia-se: a Cascaes uma vez e nunca mais! hoje tornou-se este aprazível sitio ponto de digressão forçada para os estrangeiros que nos visitam. En não sei se o novo Baedeker faz a menção devida aos prodigios pela natureza e arte accumulados n'essa estancia de gózo, entre nós sem rival.

Creio que a má fama proveiu, n'outras éras, para aquella bella terra, não da rusticidade dos habitantes, menos ainda do facto de se haverem tornado notaveis nos annos do crime, porque d'elles nunca rezaram com insistencia as chronicas dos tribunaes, como de outras regiões nossas e estranhas, por mal afamadas pedemias dizer. Eram maritimos na sua grande maioria, labutando dia e noite pelo pão quotidiano nas aparelhadas costas do Atlantico sobre as ondas do grande mar, o que de ordinario dava a Cascaes o aspecto de uma povoação quasi deserta, sobretudo quando recolhida nos quartéis a força, que guarnecia a cidadella, obra esta da architectura militar, das mais solidas e melhor artilhadas do seu tempo, que uma necessidade imperiosa de defeza, e não méro capricho guerreiro, lançou n'um dos pontos mais avançados do littoral, destinada a varrer com fogos todos esse enorme campo de tiro, por onde o Tejo lança os estuarios e o oceano faz avançar as suas ondas.

Quem se propunha realizar uma tal jornada, sobretudo indo de Lisboa — porque era á cidade de Ulysses que mais particularmente se referia o adagio — abalancava-se a seria empreza, tendo de effectuar o percurso de muitos kilometros por inóvies e mal policiados trilhos, affrontando penedias e barraucos, ou seguindo a custo as tortuosas, estreitas e perigosissimas veredas dos escarpados de beira-mar.

Quem pensa n'isso hoje, quando a locomotiva silvando devora o espaço, mais veloz que a setta, ou os projecteis dos fumbdibularios, mais poderosa que o arrete que fendia muralhas?

Quem ha por ahí, que se lembre, em tão rapido perpassar, do sitio da Cadaveira — hoje S. João do Estoril — dos assaltos á mão armada, dos horrores que inspirava esse logar, a que tão tremendas, tão funebres recordações se foram ligando no longo decurso dos tempos, e onde n'um remoto passado enxamearam piratas e salteadores?

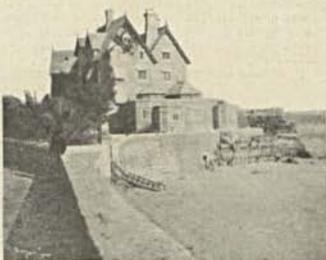
Até Oeiras, no tempo do Grando Marquez, era relativamente facil o trajecto; d'ali em diante só muito mais tarde se ponde ir com segurança e facilidade.

Apesar de tudo, ha ainda quem se insurja contra as enormes commodidades que o progresso nos tem proporcionado e aponte o reverso da medalha. As viagens de hoje em terra civilisada não apresentam realmente os laços e contingencias, á que deveriam toda a sua poesia n'outras éras; corre-se, vò-se mesmo sem o auxilio de qualquer d'esses destemidos aeronautas, que actualmente tanto despertam a attenção, e não ha tempo para um romance, urdido por estalagens de má nomeada, com peripetas de encontros, raptos e estocadas.

O progresso foi para alguns, sob tal ponto de vista, o mais rasteiro

prosaismo que se pode imaginar. E' incontestavel, que a Cadaveira, a Falperra, pinhal da Azambuja, etc., eram fonte perenne de inspiração para romances de longo folego e para quem n'esses logares não visse acabado de uma só vez todo o seu folego e toda a sua inspiração.

Curioso é, porém, que se fugisse d'esses logares, como se fuge da peste, da lepra, ou do cão damnado: ninguem queria que o roubassem. Ha poucos annos ia meio mundo, gente vinda de longes terras, como dizia Bernardim Ribeiro, a Cascaes e Estoril só pelo prazer de esgotar a bolsa nos jogos de parada, cujos centros medravam a olhos vistos.



Phot. Hugo Resnais

Chalet da Sr.^a Duqueza de Palmella, em Cascaes

Ainda ficavam agradecidos a meia duzia de estrangeiros, que nos vinham buscar algumas centenas de contos!

Não deixa de ser conveniente o lançar aqui esta elucidativa nota, com o commentario da logica dos tempos que vão correndo.

Acabado tão anormal sistema de coisas n'um paiz, que deve fazer timbre na honra, adquiriram os habitantes de Cascaes e suburbios a certeza de que a maioria dos forasteiros só é movida pelo desejo de ir respirar a plenos haustos o ar puro e gossar as bellezas, que lhes apresentam, como que á portia, a terra e o mar.

Hoje a linha ferrea encurtou as distancias, a sua dupla via permite a facil circulação de comboios de ida e volta, e um pessoal perfeitamente organizado, graças á boa escolha e ao esmero, sempre empregado pelos seus chefes, garante a ordem e a regularidade do mais extraordinario serviço de viação accelerada, que em Portugal tem havido.

Por todo o caminho o povoamento cresce á olhos vistos, e é de ver como de terrenos ainda ha pouco sáforos saem graciosos jardins; parece que uma varinha de fada quer que em breve se vá espelhar nas aguas



Casa em Cascaes pertencente á illustre escriptora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho Crespo

uma opulenta cidade, desvanecendo-se com as galerias, terraços e arcos de uma casaria sem fim, alongando-se a perder de vista até os últimos confins da terra portuguesa para gozar os últimos raios do sol poente.

Na civilização moderna dá-se um facto, bem reconhecido pelos que têm estudado a influencia exercida pelos caminhos de ferro, e sobejamente notado em todas as capitais: o desenvolvimento d'estas á custa, não só da povoação rural, mas até dos importantes centros do resto do paiz. Este fluxo começa a manifestar-se logo ao assentar do ultimo carril, e, uma vez iniciado, prossegue, ganha incremento e dentro em pouco nada ha que o detenha. Surgem barros inteiros, e, quando se julga que uma tal plethora de construção vaee lancar a crise entre os proprietarios, novos barros se erguem do sólo. E' um nunca acabar, e por isso se diz da civilização moderna, n'estes e em muitos outros sentidos, que se tornou verdadeiro Mulloch.

A par e passo com esse movimento, e como determinado por elle



Phot. Hypan Rodrigues

Casa do Sr. Jorge O'Neill, em Cascaes
Parte superior vista da estrada

pronuncia-se um outro — o de refluxo da capital para os arrabaldes; e, de como elle se tem effectuado entre nós, todos podem attestar.

Assim se vão povoando de chálets todas as encostas da riba, e do alto dos mirantes, ao cair da tarde, n'essa hora de melancolico seismar, que Byron nos seus enlevos tanto exaltou, as gentes moradeiras soeitam nas ondas, que ao longe se espreguiçam na praia, alguns dos cautos do eterno poema de amor.

Vê-se bem na limpidez da movel superficie, que já não é Tejo, mas ainda não é mar; não se recebe a sensação, que dá esse immenso e mysterioso deserto, em que o paganismo via o dominio de Neptuno, confrangendo nos a alma pelas incertezas e perigos, pelo aspero desolador de uma horrorosa solidão, estendendo-se de polo a polo que parece não ter fim, com os seus escolhos e profundos abysmos, funebre como um cemiterio, horrivel quando rugir e arremeça descompensados vagalhões contra as praias, como se o genio do mal quizesse devorar a terra.

A sensação que dá o mar largo não se recebe ali. Nos recessos da ampla bahia julgamos ver o cabo avançando para o sul até Espichel; por outro lado a margem esquerda do rio, descerolando-se em graciosas



Phot. Hypan Rodrigues

Casa do Sr. Jorge O'Neill, em Cascaes
(Parte inferior junto á praia)

collinas e descrevendo, a partir da Trafaria, uma bem desenvolvida curva, parece ligar-se com a outra margem, e d'ahi a apparencia de um pittoresco lago, a cada passo salgado por paquetaes e navios de toda a especie, cujos silvos do vapor se casam no ar com os da locomotiva, como notas soltas do interminavel hymno do progresso.

Cascaes não é um retiro. Quem sonhar com thebaidas tem de ir



Phot. Hypan Rodrigues

Casa construida pelo Sr. Trindade Baptista, em Cascaes

assentar os seus arraias muito longe d'ali. A vida moderna, a vida febril sem os ruidos ensurdecedores da officina, fez desaparecer todas as agruras do antigo ermo e essa bem fadada terra, que o sol e as aguas beijam com amor, é pela amenidade do seu clima uma das mais excellentes estações de inverno que se conhecem.

L. F. MARQUES FERREIRA.

O Avejão

I

Tinha-o dito a tia Brígida, e portanto era verdade. Era sempre verdade o que saía d'aquella boca santa, mais santa que um Evangelho. Sabe-se lá mentir quando os dentes todos se foram, e se traz aos hombros o peso de oitenta annos! tantos eram os da tia Brígida. Pois se ella já era mãe de filhos quando foi dos francezes? E que de historias contava a tia Brígida! Era de se ficar estarelecido a ouvir-a, horas e horas, por essas noites de inverno, quando o sul estorve as pernas sem folhas e chia nos altos das chaminés.

Foi n'uma noite assim que a tia Brígida disse ter visto um avejão todo vestido de branco, arrastando correntes de ferro e a deslizar ao redor da egreja, mesmo ao pé do quintal do sr. prior. Cruzes, inimigo!

— E depois, tia Brígida? E depois?

— Ah, filhos! Aquillo é alma penada que não tem entrada no céu, nem no inferno. Tem-se visto... Vae en e escondida a pobresinha. Mas ella foi recando, recando, e vae se não quando sumo-se... nem que a parede do quintal da menina Joanna se abrisse de repente.

N'isto ouvia-se um arrastar de ferros no adro da egreja, trazido pelo vento que chorava no topo da chaminé, e a creançada chegon-se mais para a tia Brígida que se benzeu devotamente.

II

Mal começavam de luzir as estrellas tudo fechado nos casaes.

Sair... aventurar-se uma pessoa por aquellas encruzilhadas... Não, que a certa hora da noite andavam á solta os lobisomens fazendo uma algazarra tão grande que até se punham os cabellos em pé aos mais valentes.

O João do Brejo tambem via a avestema e corrobora o dito da tia Brígida. Afiançou elle que era branca como cal, mais alta que um pinheiro, e que estava cosida com o muro do quintal da casa em que morava o sr. prior. Nem se fazia preciso o testemunho do João do Brejo, que a palavra da tia Brígida valia uma escriptura.

III

Por que diacho deixou o avejão de apparecer na aldeia, a altas horas da noite, rondando a casa, logo que o bom do prior mais a menina Joanna, partiram para outra freguezia? Talvez a tia Brígida pudesse dizê-lo. Mas a tia Brígida não o disse nunca pela simples razão de estar dormindo ha muito no cemiterio, bem antes da partida do sr. prior e da sobrinha.

A morte tapára-lhe a boca com um pombado de terra, aquella santa boca, mais santa que um Evangelho, e que ella ás vezes fechava para não mentir...

LOUÍS TAVARES.

POLITICA INTERNACIONAL

Um dos factos mais interessantes da actual phase da politica internacional é a posição que a Inglaterra está tomando em todas as importantes questões que preoccupam as chancellarias. Houve quem suppozesse durante os annos sombrios da guerra do Transvaal que o papel da Grã-Bretanha estava findo, passando a outras potencias a hegemonia, que por tanto tempo e a bem da civilização ella exercera. O *Ents Britannien* foi então entando em mais de uma nação continental.

Nunca partilhámos semelhante opinião. Pelo contrario, em uais de uma occissão e n'estas revistas quinzenaes emittimos o parecer de que o eclipse da preponderancia britannica era apenas temporario. A guerra sul africana havia de ter o desfecho que leve, e, passada ella e firmada a paz, voltaria a Inglaterra a recuperar o seu antigo posto no concerto das nações. E, de uma abdicación definitiva tudo fazia prever que logo que o imperio britannico se visse livre das difficuldades, que lhe paralysavam a acção, havia com dobrado ardor de procurar reaver o que perdera em prestigio e influencia. E assim de facto aconteceu. Também não era difficil para os espiritos desapaixonados formular a prophécia, e só uma inexplicavel obsecação de odio e hostilidade poude fazer acreditar o contrario.

O renascimento da influencia ingleza coincide com o advento de Eduardo VII ao throno. Por um singular desmentido aos mais correntes horoscopos, o príncipe que segundo a opinião geral estava pelo seu passado galante e mundano inhibido de cingir a coroa, converteu-se, apenas clamando em um dos soberanos mais habéis e mais ponderados, que assim governaram qualquer nação. Sympathico, mesmo para os seus mais irreconciliaveis adversarios, como o mostrou com os irlandezes, cujos corações conquistou n'uma simples visita; sinceramente devotado á causa da paz, como o provou interpondo a sua influencia pessoal para a cessação da guerra com os boers; tirando partido para promover a harmonia entre a Inglaterra e as outras nações até dos incidentes da sua mocidade, que mais desfavorecia pareciam para o seu prestigio real, como se deu com a aproximação com a França tão singularmente facilitada pelas boas recordações, que o antigo príncipe de Galles soubera deixar em Paris; o actual rei de Inglaterra, sem o ruído nem o reclamo que tanto em evidencia teem collocado o seu imperial sobrinho, o irrequieto e espectacularo Guilherme II, assumio apenas em dois annos de governo uma posição preponderante nos conselhos da Europa, pondo a grande e legitima influencia de que goza ao serviço da causa da paz, que já hoje tanto lhe deve. Assim, a proclamação solenne da alliança com Portugal, na viagem a Lisboa; o estreitamento das antigas relações com a Italia, na viagem a Roma; a reconciliação com a Republica Franceza, na visita a Paris; estes tres factos tão importantes sob o ponto de vista da politica internacional da Grã-Bretanha, e que tão beneficas consequências estão destinados a ter para os progressos da civilização occidental, são obra pessoal de Eduardo VII, e indicam ao mesmo tempo a orientação da diplomacia ingleza na nova phase de actividade em que entrou. A primeira necessidade da Inglaterra era, com effeito, romper o circulo de hostilidades, de invejas e de malquerenças a que a guerra sul-africana dera pretexto. Esse resultado está conseguido, muito mais rapidamente e em muito melhores condições do que era licito esperar. Não é, porém, tudo; e alguma cousa mais precisava o imperio inglez fazer para levantar o seu prestigio, sobretudo no Oriente.

É sabido, que os povos orientaes tem apenas o culto da força. Um braço forte, mesmo brandindo o gladio da tyrannia, é para elles a unica razão a que se curvam. São os adoradores do exito, e só anglo-indiana, que ha muitos mezes espera em vão dentro do territorio do Thibet, os delegados do paiz, para com elles discutir certas questões commerciaes e de demarcação de fronteiras que interessam a India. Suggestionados, não se sabe ao certo por quem, muito embora não seja difficil o suppl-o, os thibetanos teem-se até agora negado a ter contacto com os negociadores inglezes, apesar das advertencias do Sião e da China, os dois paizes que exercem uma tal ou qual suzerania sobre o Thibet. E' para castigar semelhante afronta, de grande significação, que o ponto de vista oriental, que a estas horas marcha sobre Lhasa, a capital do paiz e séde do governo do Dalai-Lama, a columna do coronel Younghusband. Ostemensivamente disse ser esta a causa unica da expedição. No fundo, porém, outros motivos a fizeram organizar.

É sabido que de ha muito os russos, desejosos de se apoderarem da Mongolia, parte da qual está sob o dominio espiritual dos sacerdotes buddhistas thibetanos, intrigam em Lhasa para firmarem no paiz a influencia moscovita. A expedição actual é a desforra da Inglaterra. Se o conflicto russo japonês se aggravar e chega a dirimir-se pelas armas, não soffre a minima duvida que o coronel Younghusband aproveitará o ensejo para occupar o paiz. Será ainda a resposta da Inglaterra á occupação da Mandchuria. De modo que na China como na Asia central, no Thibet como no golpho Persico, a cada passo dado pela Russia corresponderá um passo identico avançado pela Inglaterra. E se a guerra entre o Japão e a Russia está, não será para admirar que a Inglaterra, aproveitando os embarços da sua rival, se compense largamente do que perdere por causa da inacção a que durante tres annos a guerra sul-africana a compelliu.

Foreign Office, qualquer que fosse o titular que de lá dirigisse a politica britannica.

Pela primeira vez no decurso de mais de meio seculo se derogou a este principio com o tratado anglo japonês. Diversamente tem este documento sido apreciado. Assim, enquanto que uns o consideram como assignação de triumpho da diplomacia ingleza, que por esta forma se assegurou da cooperação do exercito e da esquadra japonesa para conter os progressos da Russia no extremo-Oriente, o que lhe seria sempre impossivel pelo menos extremamente difficil com as forças proprias, outros supõem que elle representa um habil lance do Japão, o qual conseguiu assim sahir de um isolamento que lhe era fatal, e arrastar ás complicações de uma guerra quasi certa a Inglaterra, que passará a ser a sentinella do Mikado de guarda á Coréa. Seja, porém, como for, e a verdade é que ambas as proposições são em parte fundadas, não soffre duvida que o tratado anglo japonês constitue documento de inegavel importancia, porque assignava um passo decisivo na expansão da influencia ingleza no Extremo Oriente.

O segundo facto, pelo qual a Inglaterra acaba de afirmar o proposito em que está de assumir preponderante situação nos negocios asiaticos, é a recente viagem empreendida pelo vice-rei da India, lord Curzon, a bordo do *Hardinger* pelos portos do Golpho Persico. E' sabido como na corte do Shah se debatem de ha muito as influencias ingleza e russa, na previsão da dissolução cada vez mais imminente da Persia. Ultimamente a Inglaterra perdeu all bastante terreno, fortificando-se de tal maneira a posição da Russia, que pôde ter-se bem consider-se todo o norte do paiz como vassallo de facto do Tsar.

Outro tanto não acontece, porém, com o sul, onde até agora a influencia britannica quasi exclusivamente se tem exercido, graças ás relações commerciaes do litoral com a India e a presença constante dos navios de guerra inglezes nas aguas do golpho.

Mas ultimamente as pretensões inquietadoras da Russia e até da Alemanha n'estas paragens causaram em Inglaterra e sobretudo na India grande emoção. O gabinete de Londres de combinação com o governo da India planeou a missão, ultimamente levada a cabo com tanto exito por lord Curzon. A viagem do vice-rei foi um acontecimento da mais alta importancia para a influencia ingleza em todo o litoral iraniano. Todos os chefes locais correram a saudar o poderoso representante do imperio britannico, collocando-se de facto debaixo da protecção d'elle os que ainda o não estavam e reiterando os outros os mais ardorosos protestos de lealdade e coesão. Lord Curzon apresentou-se como verdadeiro suzerano; e nos *darbars* a que presidiu com a magestade de um verdadeiro rei e cercado da pompa de um authentic monarcha oriental, poude assegurar-se da victoria alcançada pelo prestigio inglez, cuja decadencia n'aquellas regiões historicas S. Petersburg, Berlim e até Teheran se tinham appressado a annunciar. Não admira porisso o mau humor da imprensa allé ao regresso-se á viagem do vice-rei, e o grito d'alarme solto pelos jornaes russos, que denunciam em altas vozes a situação preponderante que a Inglaterra vae ter no sul da Persia.

O terceiro facto a que nos referimos, ao apontar a recente actividade da politica ingleza no Oriente, é a expedição ao Thibet, planeada também entre a metropole e o governo indiano e ordenada igualmente por lord Curzon, incansavel auxiliar do gabinete de Londres em todos os propositos de engrandecimento e expansão da grande dependencia asiatica do imperio. O fim ostensivo d'esta expedição é obrigar os thibetanos a entrarem em comunicação com a missão anglo-indiana, que ha muitos mezes espera em vão dentro do territorio do Thibet, os delegados do paiz, para com elles discutir certas questões commerciaes e de demarcação de fronteiras que interessam a India. Suggestionados, não se sabe ao certo por quem, muito embora não seja difficil o suppl-o, os thibetanos teem-se até agora negado a ter contacto com os negociadores inglezes, apesar das advertencias do Sião e da China, os dois paizes que exercem uma tal ou qual suzerania sobre o Thibet. E' para castigar semelhante afronta, de grande significação, que o ponto de vista oriental, que a estas horas marcha sobre Lhasa, a capital do paiz e séde do governo do Dalai-Lama, a columna do coronel Younghusband. Ostemensivamente disse ser esta a causa unica da expedição. No fundo, porém, outros motivos a fizeram organizar.

É sabido que de ha muito os russos, desejosos de se apoderarem da Mongolia, parte da qual está sob o dominio espiritual dos sacerdotes buddhistas thibetanos, intrigam em Lhasa para firmarem no paiz a influencia moscovita. A expedição actual é a desforra da Inglaterra. Se o conflicto russo japonês se aggravar e chega a dirimir-se pelas armas, não soffre a minima duvida que o coronel Younghusband aproveitará o ensejo para occupar o paiz. Será ainda a resposta da Inglaterra á occupação da Mandchuria. De modo que na China como na Asia central, no Thibet como no golpho Persico, a cada passo dado pela Russia corresponderá um passo identico avançado pela Inglaterra. E se a guerra entre o Japão e a Russia está, não será para admirar que a Inglaterra, aproveitando os embarços da sua rival, se compense largamente do que perdere por causa da inacção a que durante tres annos a guerra sul-africana a compelliu.



Conselheiro Antonio Prado

O Palacete do conselheiro Antonio Prado em S. Paulo (Brasil)

Damos hoje alguns aspectos da bella residencia do conselheiro Antonio Prado, da cidade de S. Paulo, no Brasil. Este nome lembra-nos o do chorado Eduardo Prado, que entre nós tantas recordações evoca pelo seu espirito fino, pela sua intelligencia, e pelo muito que quiz a Portugal, onde muitos amigos contou. Muito novo ainda filiou-se no partido conservador, no tempo do imperio. Dada a scição em 1888, assumiu a presidencia da União Conservadora que se formára e que teve como orgão na imprensa o *Correio Paulista*, então brilhantemente redigido por Eduardo Prado e Rodrigo Silva. Com a ascensão do seu partido ao poder, Antonio Prado foi chamado a gerir os negocios da pasta da Industria no ministerio Cotejipe. Pouco depois deixava a sua cadeira de deputado para occupar a cadeira vitalicia de senador. Mais tarde lançou-se francamente no movimento da libertação dos escravos e promoveu a celebre reunião no theatro de S. José (S. Paulo), onde foi votada a abolição. Mezes volvidos, entrou no ministerio João Alfredo, com Rodrigo Silva, que referendou a lei de 13 de maio.

Quando se proclamou a Republica o conselheiro Prado arredou-se da politica que seguira apaixonadamente, e não tomou assento como deputado á constituinte, logar para que fora eleito.

Desde então o illustre paulista consagrou-se ao progresso da terra em que nasceu, e ao desenvolvimento agricola e industrial. Senhor de uma grande fortuna e homem probo e energico, é hoje presidente do Banco Commercio e Industria e da Companhia Paulista. Ultimamente foi lhe offerecido o logar de Prefeito de S. Paulo, logar que aceitou por não o considerar um cargo politico, mas de simples administração, de que dependem os interesses da cidade, e em que tem prestado serviços relevantissimos.



Palacio Prado — A chácara



O perystillo do palacio Prado

Dr. Affonso Arinos, director do *Commercio de S. Paulo* —
Dr. Fernando Chaves, proprietario do mesmo jornal

A residencia do conselheiro Antonio Prado impõe-se á admiração dos que a visitam pela sua situação, pelo bom gosto, pela harmonia do conjuncto e pela opulencia artistica do seu interior.

A SUGGESTÃO

Depois do toque de silencio, á noite, os internos reuniam-se na sala das conferencias, por cima da enfermaria das hystericas. Em volta da larga mesa de oleado, onde incidia a claridade do unico bico de gaz acceso, eram seis a discutir casos picarescos

de escola e de clinica; e a palestra prolongava-se, alegre e superficial, entre esses rapazes de ar estudioso que á beira dos doentes mantinham uma seriedade dis-



O palacio do conselheiro Antonio Prado, em S. Paulo (Brasil)

ta. Armando, o mais alto, um grande bohemio de lunetas, era o que mais prendia a atenção, graças ao seu talento de narrador e ao fundo conhecimento de doenças nervosas que o evidenciava, pondo-o quasi a par dos professores. Ninguém como elle para mais certo diagnosticar uma complicada neurasthenia ou esses estados hystericos das mulheres que tanto enganam os medicos. Por isso o velho clinico de semana ali presente, bom homem amigo dos rapazes, calmo e prudente, sempre sereno e sempre no seu posto, lhe confiava os doentes perigosos, entregando á sagacidade do discipulo as ténues vidas desamparadas do hospital.

Por um momento, a palestra estriou. A porta, a enfermeira da sala das hystericas chamou Armando, n'uma ansiedade. Este emmudeceu, fez-se muito serio, e foi quando o professor, olhando-o fixo, lhe perguntou:

- É a sua doente somnambula, quanto lhe dá?
- Vou vê-la agora. Está para hoje. Licença.
- E abalou a grandes passadas, atirando com a porta. Ouviram-no descer as escadas, seguir correndo para a sala de baixo.
- O mestre poz-se a dizer:
- Bem extraordinaria, aquella rapariga. Ha oito dias não lhe dava eu uma hora de vida, e tem resistido! O Armando quer-lhe muito, coitado! Tem tomado por ella um grande interesse.
- É a sua nomorada platonica. Nunca teve outra, disse do lado um loiro sentimental.
- Ora adeus! gritou do canto o Alfredo, baixo, e calvo como um seixo.
- O que elle queria era um bom *subject*. Descobriu n'ella uma hypnotica e não a larga. É capaz de a matar, o senhor Castiostro!
- Cala-te lá, vaborosinha! Ou então entossa-te e morde em ti mesmo, que é melhor.
- Não tenho tendencias para o suicidio por envenenamento. Horrissam-me as peçonhas. Nunca reparaste que não olho para ti?
- Lá em baixo ha luta, interrompeu o velho. A agonia da pequena é decerto muito dolorosa.

Calaram-se todos. Por baixo ouviam-se passadas atropeladas, encontrões, uma voz falando auctoritariamente, gemidos, e o murmuro em surdina dos grandes casos. Era, em summa, a vida da somnambula que esmorecia de vez. Armando debruçara-se sobre o leito a investigar, que não fôsse apenas uma crise. Logo se desenganou: a morte era para breve. Não havia remedio. E então, desesperado, tentando passar para a moribunda, energicamente, todo o seu poder magnetico, curvou-se mais, agarrou-lhe as mãos convulsas, ficou-lhe os olhos d'onde a luz se escoava, e em voz alta e vibrante fez-lhe suggestões exóticas que encheram de frio e pavor a vasta enfermaria. De pé, á beira do leito, a enfermeira parecia petrificada; e a moribunda tremia, contorcida-se, os olhos presos aos do medico, sem forças sequer para a agonia. De repente, Armando largou-a. A somnambula voltou-se para a visinha do lado, outra hysterica, á despedir-se; e em um instante passou da primeira para a segunda uma corrente fluidica tão forte que, sob a commoção d'ella, esta se abateu em um ataque de hysteria de que o interno houve de acordal-a por meios rapidos e violentos. No entanto, a agonia continuava, terrivel como uma luta infernal. O capellão do hospital, prevenido a tempo, veio rezar os responsos da igreja; e um quarto de hora depois escoou-se pela enfermaria, gelando e imobilizando o ambiente, o derradeiro suspiro da pobre mulher. Lentamente, fitando-a bem, Armando fechou lhe os olhos, encarregou a enfermeira de a mandar transportar para a sala contigua, e dirigiu-se meditabundo para cima, enquanto a doente visinha entrava em nova crise, que por si mesma se resolveu.

Quando entrou na sala das conferencias e fechou a porta sobre si, a lividez que o cobria e o brilho secco dos seus olhos eram tão estranhos que todos se calaram impressionados. Sem uma palavra sequer, sentou-se entre os outros, voltado para a porta; e, do silencio que se fez, a voz do professor saiu, discreta, perguntando:

- Morta?
- Morta.
- Autopsia para o Rodrigo, insinuou do canto o Alfredo, com o olhar ironico posto em Armando.
- Ah! Isso não, não consinto! Reclamoo o corpo!
- E a sua voz silvava.
- Não te zangues, que demonio! Um morto é indiferente: ou queimado pela cal, ou roído pelos vermes, ou retalhado por um escalpelo, nada sente. A anesthesia da morte excede todos os processos.



Familia Prado

Luiz Prado — Conselheiro Antonio Prado — Dr. Carlos Monteiro de Barros — Dr. Affonso Arinos, director do *Commercio de S. Paulo*.



Palacio Prado — Sala verde

— Não importa. Cá tenho as minhas razões.

Decerto, decerto. Amor, sympathia, platonismo, pudor, quem sabe mesmo se a crença em algum milagre? Tencionas resuscital-a?

— E d'ahi? clamou Armando, de olhos esgaseados, chamejantes. Tudo pôde ser.

— A fé tambem cura doenças, dil o a Sciencia; mas não desperta do somno frio que congela o sangue, sentenciou o professor.

— A sua phrase, senhor doutor, é um postulado scientifico bem antigo, mas não resolve a questáo. Vou dizer-lhes uma coisa que os interessará decerto. Falo serio agora e não admitto que se riam, porque

ponho nas minhas palavras toda a convicção de que sou capaz. Amel aquella rapariga, é verdade, mas não com o amor de toda a gente. Era o amor do medico á sua doente mais submissa, d'estas sympathias subitas e dolorosas que se impõem a todos, mais ou menos, no começo da clinica. Se a mulher se curasse, voltaria a ser talvez para mim uma pessoa qualquer, indifferente. O que principalmente me captivava era a exquisitissima hysteria que a adoentou, submettendo-a aos mais extraordinarios caprichos do magnetismo animal, que em verdade a curaria, se houvesse medicina capaz de crear dentro do ser humano órgãos que substituíssem os que para sempre se atrophiam. Digo-



Palacio Prado — Sala de recepção

vos que se não fóra a minha vontade, a poderosa suggestão que desde o principio desenvolveu para ella, a somnambula estava morta ha mais de uma semana. O uso do commando, de sabios passes longitudinaes e de imposições por contacto duplo, tudo convergindo para activar a circulação sanguínea, produziram, sem mais auxilios, a reacção de vida que a sustentou na cama estes ultimos dias, quasi que sem alimentos. A fórvia aventessa da Morte curvou-se á minha vontade, afastando-se uns dias do leito d'essa condemnada sem esperança. Em vista de tal successo, unico talvez, porque o não conheço dos livros, ha pouco, ao vél-a moribunda, ao sentir que seria inútil lutar mais, pois que a Morte voltaria a empolgar-a de vez, pensei em uma experiencia tão loucamente audaciosa e tão cruel mesmo — valha-me Deus! — que vos todos ides passar de assembo ou julgar-me doido varrido! Procurei fazer a experiencia n'ella, embora a amasse como sabeis, porque

tensão, que sobre o organismo d'ella deverá realisar-se *post mortem*, d'aqui a pouco.

— E' perigosa a sua experiencia. Perigosa, anti-cientifica e sobretudo muito cruel, disse o velho professor.

Todos os estudantes encolheram os hombros, sorrindo do visionario. Só Alfredo interrogou:

— E para quando essa maravilha?

— Para d'aqui a cinco minutos.

E, deixando cahir as palavras com uma gravidade lugubre, concluiu:

— A' meia noite em ponto, obedecendo á suggestão que lhe fiz, a morta levantar-se-ha, por seu pé subirá a este andar, abrirá aquella porta e appareará entre nós direita e andando como se fosse viva. Depois, retirar-se-ha, como veio, e *morrerá emfim definitivamente*.

— Estás doido! clamaram todos.

— E no entanto todos ficaram pensativos.

— E' um impossivel, disse ainda o professor.

Houve um silencio. Armando encostára-se á meza, quebrado pela emoção, os olhos postos no ponteiro grande do relógio que continuava batendo os segundos, compassadamente.

De novo falou, monologando como perdido em uma scisma.

— Impossivel? E' uma palavra inutil, sem sentido: não exprime nada. Não era impossivel ha um seculo a luz electrica, a telegraphia, a locomotiva, o magnetismo? Não eram impossiveis ainda ha meia duzia de annos a telepathia e a polarisação humana? Será porventura impossivel a pedra philosophal, quando ha pouco Berthelot disse que a sua existencia era conforme ás actuaes theorias? A unidade da materia, em que os alchymistas fundamentavam as suas experiencias de transmutação dos metais, não é hoje uma theoria scientifica reconhecida e acatada? Impossivel é um termo de posição, marca o limite da habilidade humana no presente; é portanto uma coisa tão variavel como uma gotta de agua no mar. Impossivel! A catalepsia é uma morte apparente, e, por mais que digam, até hoje não se descobriu o meio de se lhe reconhecerem os imperceptiveis symptomas que a caracterizam. Quantos individuos se encontram nos cemiterios que ao depois se encontram em posições invernos-meis, torcidos dentro dos caixões, como se na nudez da tréva, debaixo das lousas, tivessem havido luctas tragicas e a morte fosse produzida pela asphyxia e pelo terror?

Em rigor tudo é mysterio no mundo e a ultima palavra não está dita, nem será nunca pronunciada. Esperemos. Tenho fe na experiencia. Faltam só dois minutos. Quem não poderá esperar dois minutos? Calemo-nos e esperemos.

O silencio fez-se então profundo e grave. Ouvia-se o silvo em surdina do gaz combustando-se no bico acceso, e as pancadas cavas do relógio. Só Alfredo abafava um riso escarninho, olhando de soslaio para Armando. O proprio professor guardava circumspectamente a expectativa. E quando o relógio bateu a meia noite, a hora magica das feiticiarias e dos fantasmas, as respirações silvavam de impaciencia e estavam todos collados ás cadeiras, lividos e inertes. Os olhos de Armando não largavam a porta. Alfredo concentrou-se tambem, magnetisado pela corrente geral. O relógio bateu a ultima pancada, extinguiram-se as ondulações do som, e nada se ouvia. Ia a levantar-se um murmurar de protesto quando Armando, com um movimento, os fez emmudecer. A voz do velho clinico disse então, levemente tímida:

— Oijo passos.

De facto, vinha de baixo um rumor abafado, e logo pela escada acima passadas leves e lentas se succederam. Foi um momento terrivel de ansiedade e medo. Instintivamente pizeram-se de pé e foram acorar-se no canto mais esconço, ficando só junto da meza Armando e o professor. As passadas continuavam, cautelosas, ouvindo-se o estalar das taboas do soalho mais que o ruido de pés andando. Evidentemente, o que era vinha descalço. *Aquillo* chegou ao pé da sala, parou, desançou o puxador e abriu a porta. Na penumbra feita pelo clarão do unico bico de gaz, todos viram uma fórma branca de mulher, como amortalhada. Imovel no limiar da porta, e esperando. Era magra e alta, tinha a estatura da morta, mas não se lhe distinguiram as feições, porque toda cila se embrulhava em um lençol que a cobria desde a cabeça até os pés, descalços e magrissimos. Ninguem se mexeu. O silvo do gaz, no silencio algido, augmentou, ameaçou, lembrando a respiração terrificante das corujas. Só o professor, mais pratico, disse, em voz baixa todavia:

— Os mortos não fazem mal. Vou ver.

— Espere! gritou Armando, fóra de si.

Estas palavras breves gelaram mais ainda a atmosfera da sala, e os estudantes, tremulos de susto, acorçados ao canto. Foi então que, com uma lentidão olympica, a apparição se approximo de Armando. Vinha direita, alta, deslizando como a imagem de um andar. A dois passos do interno parou, ergueu os braços e afastou da cara o lençol branco que cobria toda a figura. Reconhecendo-a o rapaz deu um grito estridulo, caiu sobre uma cadeira, horrorisado, clamando:

— Não é ella! Não é ella!

— Meu Deus! acudam-lhe! bradou o velho.



Hall do Palacio Prado e sala de fumar

raro, ou talvez nunca, encontraria outro *sujet* em identicas condições, e eu quero certificar-me depressa.

Estou convencido de que nas primeiras horas depois de se dizer de um corpo humano que morreu, ainda a vida individual, a mesma que o fez mover-se, existe latente, mas tão debil que passa despercebida. Em verdade, o momento preciso da transição da vida para a morte não se póde fixar; ha de dar-se tudo lentamente, por derivações successivas, cada vez mais simples. D'ahi uma certa força vital armazenada depois do ultimo arranco no organismo e pouco a pouco esvaindo-se, sabe Deus como. Ora se essa força, pequena como é, não chega para produzir movimento intelligente apreciavel, referendo-a póde ser que alguma coisa se consiga e no finado se manifestem movimentos, não de simples mecanica organica como os das reacções chemicas da decomposição e os galvanicos, mas determinados pelo cerebro, proprios. Foi o que tentei com a somnambula, meus senhores. Abreviei-lhe quanto pude a agonia, isto é, procurei tornar passiva ou latente uma parte da força activa a desgastar no estertor, armazenando assim na primeira hora da cadaverisação uma força occulta apreciavel e intelligente; e ao mesmo tempo fiz-lhe uma suggestão potente, de maxima

Mas a aparição afastou-se como viera e desapareceu pela porta aberta, sem que ninguém ousasse mexer-se. Então o professor chegou-se a Armando e, terrível, imaginando aquilo tudo uma impostura, uma larça de mau gosto, intimou-o:

— Diga tudo, tudo! Desculpe-se! Isto é inacreditável!

Fracamente, como um enfermo, chorando, disse apenas: — Falhou a experiência? Não sei. A morte deve estar lá em baixo, já fria. Não era ella: era a vizinha do lado!

E foi assim. Não podendo cumprir a suggestão, a moribunda, em um longo olhar magnético, passara-a antes de morrer para a doente vizinha, a qual, depois de várias crises nervosas, se apresentou somnambulando deante de Armando à hora fixa, obedecendo integralmente a ordens mysteriosas...

JOÃO DA ROCHA.



D. Amélia — A cruz da escola. **Gymnasio** — O outro sexo. **Príncipe Real** — O príncipe perfeito. **Avenida** — O senhor feudal. — **O Colyseu**.

Abordar com éxito todos os generos e levar de vencida todas as difficuldades da arte de escrever para o theatro, é, ao que parece, a missão destinada a Eduardo Schwalbach. Elle solo com uma facilidade invejavel toda a escola que vae da opereta ao drama, da charge á comedia, e da revista do anno, se apertarem muito com elle, á tragedia horripilante. Outra coisa não tem feito e em todos esses ramos da litteratura dramatica, erigido de difficuldades qualquer d'elles, nenhum triumpho, sempre justo, lhe tem sido negatado. N'essa galeria, já longa, que vem desde *O Intimo*, sente-se que está á vontade, que pisa terreno seu.

Ora esta espontaneidade, este estar á vontade em todos os campos, é o que se chama o valor, a aptidão. E' esta facilidade, ao mesmo tempo innovadora e assimiladora, que faz de Eduardo Schwalbach o escriptor dramatico na sua mais completa accepção.

Vejá-se a *Cruz da escola*. Quantos não ebarrariam n'essa difficuldade quasi reputada insuperavel, de que elle se saiu incondicionalmente victorioso! Intercala a comedia no drama, converte em drama a comedia, é vulgar, é processo peculiar a quasi todos os escriptores do theatro. Mas não foi isso que Schwalbach fez na *Cruz da escola*. O que elle fez com brilho e éxito foi encasillar, permitim o verbo, dentro de uma comedia hilaritante um drama pungente. Elle conseguiu arrancar a lagrima e os publicos, os mais faveis e os mais exigentes, com intensidade igual, a todos e a todos. Dentro d'aquella comedia, formosa e adoravel moldura, mettem com uma arte encantadora, aquella tela, drama vivido e emocionante. Deu-nos a ideia de que n'esta peça quiz tirar a prova real do seu merito especifico, como escriptor de theatro, e conseguiu-o. Porque vibrar com equal efficacia todas as cordas do organismo humano, apertar o coração n'uma angustia que constrange e desvarar os labios n'um sorriso que illumina, são as duas modalidades triumphantes da arte, e já conquistou muito quem de uma d'ellas se assenhoreou. Schwalbach triumphou em ambas.

Quer isto dizer que elle seja impeccavel na *Cruz da escola*? Não. Pode a sua technica ser tocada de defeitos, pode acchar-se exorbitante o movimento das suas figuras, pode perguntar-se-lhe porque, uma ou outra vez, respondeu até á charge o que não devia sair dos domínios da comedia, mas á isso poderá responder, não elle, mas quem o tenha acompanhado no desenvolvimento da sua obra e nas manifestações da sua individualidade, que são os defeitos das suas qualidades. Sem ellas, essa individualidade seria menos individual, menos fridente. Deante de phrases da sua peça, como aquella em que se expõe a razão porque não é accitavel o titulo de conde da Pampilhoa, deante de situações de comedia como a do primeiro acto em que se faz um tunnel de palmitos para receber os barões, não se ouvem na plateia senão estas palavras, entrecortadas de gargalhadas: isto é só d'elle. E' que na sua originalidade ha excentricidade, e esta é sem daviada uma feição sympathica do seu talento.

O que é certo é que cabe á empreza do **D. Amélia** a gloria de nos dar a primeira peça original, boá, d'esta época, e uma das melhores que nos últimos annos se tem representado.

Apezar d'este ou d'aquelle defeito de estrutura, é, seria em toda a parte, uma obra valiosa de theatro. E' cheia de observação e de verdade; tem typos feitos de uma assentada, que desde logo se fixam na retina e a memoria e não esquecem mais, por muito que outros a seguir desfilen deante de nós. O barão, fatil, ignorante, com um fundo bom, a mirar-se sempre no espelho e nas toilettes, á dizer tolices ou frivolidades, impotente para reagir, mas sem se incomodar por isso, é uma verdadeira criação. A viscondessa, ladina, remexida, cheia de phantasias, amante de festas e de ruido, o velhito, cardaco, resignado, soffredor, timidamente revoltado, a velha Michaela, a paciente, a sentimental, a heroica rapariga que atravessa a peça com uma figura excentrica de commoção e de drama, e tantas outras figuras que em torno d'estas se movem, são creações fortes, feitas de um jacto de observação e de talento, todas a formarem uma acção por onde passa um sopro de vida, onde se sente que uma alma paira e fala um coração. E' em summa, uma obra vivida, uma obra de arte.

O successo que ella teve, na primeira noite, e em quantas se lhe tem seguido, deve-se em grande parte tambem ao desempenho, que ha muito não vejo tão igual e harmonico em theatro portuguez. Deve-se ao admiravel trabalho de João Rosa, que se puzo em primeiro logar, sem que para isso precise evocar tradições gloriosas, deve-se a esse trabalho admiravel de artista moderno, que sabe dar ao gesto, á voz, á palavra, de velho soffredor a resignado, toda a emoção que lhe aguita a alma, que a transmite com uma arte, que mais de uma vez me fez pensar na de Zaccane, tão cheia de verdade, tão sobria, tão sentida. Deve-se depois ao talento vibrante e mallevado de Adelina Abranches, que nunca esteve tanto á sua vontade como n'esse dramatico papel de Maria, que emociona, menos pelas palavras que diz, do que pelas situações dolorosas em que a vida colloca aquellas que a felicidade engeita e perde. Deve-se á graça e á verdade com que Augusto Rosa se sabe metter na pelle d'esse frivolo barão, á desenvoltura e á arte com que Rosa Damasceno pôe em relevo a figura original da viscondessa, ao valor de Josephina de Oliveira que no papel da velha Michaela, abordou um genero, a que muitos a julgariam refractaria, e de que se sahia já mil maravilhas; á Brazão, na sua linha impecavel de conselheiro, a Henrique Alves que limou com talento todas as arestas de um papel escabroso, a quantos enfim entram n'esta peça, e pelo conjunto do desempenho lhe dão tal relevo que a tornam absolutamente comprehensivel em todas as suas intenções, em todas as suas phases, em toda a sua emoção, e em toda a sua graça.

Valabreque e Hennequin é quem, no **Gymnasio**, tem ha dias a palavra através da esmerada versão portugueza do sr. Sousa Bastos. São os dois escriptores francezes que se encarregaram de despoliar o nosso publico depois de terem feito alguma operação ao do seu pai.

O outro sexo é uma das muitas troças litterarias com que tem sido atacado o feminismo. Ao contrario do sr. Alberto Pimental, que não admittiu em D. Maria, por um excesso de galanteria pelas damas, *O Pae*, de Strindberg, que é um escarpello poderoso contra o feminismo invasor, o sr. Pinto, do **Gymnasio**, não esteve para contemplanções com o outro sexo, e por em scena a charge franceza sem se importar com o riso dos homens transformado em troça ás mulheres. E' que elle, como empresário habil, não tem outro fim alem d'este: fazer do **Gymnasio** fabrica permanente de gargalhada. Que se importa elle que as mulheres sejam as troçadas, se até ellas vierem com a troça!

Tambem é certo que se ásnahá lhe levarem uma peça em que o troçado a valer seja o sexo forte, elle não lhe diz que não, baba-se de contente e pegra-na na cara de todos os varões circumpectos que frequentam o seu theatro. E' a vantagem, que não disfructa D. Maria, de não ter regulamentos, nem commissarios, nem deixar de pagar a renda.

Não ha em *O outro sexo* a guerra á mulher virago, como na peça de Strindberg, mas ha typos, situações e phrases de sobrejo que o publico ris a bandeiras despregadas da mulher advogado, da mulher pintor, da mulher medico. E todo o lado comito d'essas situações, todo o ridiculo d'essas invações de sexo, dá com brilho e éxito esse grupo de artistas do **Gymnasio**, a Barbara, o Cardoso, o Ignacio, o Soller, e quantos se encarregaram de mostrar pelo desempenho por que enquanto as mulheres para advogarem e curarem estão... verdes, e que no theatro como na vida real, o commentario d'esse moderno feminismo que pretende a mudança de sexo é... a troça.

Está o **Príncipe Real** em pleno regimen de peças historicas. Nunca calculamos que dentro d'aquella pequeno tablado conhecesse o passado de Portugal. E' certo que para elle ter cabimento lá dentro se torna preciso inventar a ordem chronologica. O sr. Iguas fez esta errata na Historia: depois de *D. João III* veio *D. João II*. Quiz mostrar que até á Historia não é defera a arte nova. A não ser que o astuto empresario quizesse provar ao publico republicano, habitual frequentador do seu theatro, que isto de rei, tanto faz ser seguido como terceiro, tanto faz começar por um como acabar por outro, nenhum dos auctores quiz certamente especializar com honras de primazia, e se pretendesse mesmo seguir a ordem alphetica teria dudo o primeiro logar ao sr. Arthur Lobo d'Avila, e o **Príncipe Perfeito** teria de preceder o **Bel Muldito**. Fosse como fosse, não succedea assim e é *D. João II* quem está em scena. Lá está essa época com as suas glorias e os seus crimes, com as suas luctas e as suas aspirações, lá passam entre annos da historia d'esse rei, que foi o maior de todos, historia que o sr. Lobo d'Avila, passara ao romance, e de lá, em collaboração com o sr. Julio Rocha, ao theatro, e como se vê, com éxito, graças ao vigor das situações, ao interesse do dialogo, ao desempenho dos artistas que mais se tem salientado, como Alves da Silva, que se encarregou da personalidade do rei e Adelaide Coutinho, Roque e outros. Por esse resultado contribuiu tambem a scenographia em que Eduardo Heis e Salvador confirmaram meritos revelados em trabalhos anteriores.

Falta falar do **Avenida** que abriu ha poucos dias e escolheu para inauguração uma peça senada — *O senhor Feudal* — de Dienta, o auctor do *João José*, que o sr. Soller traduziu, com muita correcção, do hespanhol.

Trabalha n'este theatro uma companhia portueza do actor Puzel, em que ha artistas de merito e em que fez a sua estreia, n'um bom papel comico, o actor brasileiro Grijó.

A peça agrado, o que parece mostrar que a companhia theatral do **Avenida** entrou... com o pé direito.

Do **Colyseu** nem é preciso falar. Já sabemos que enquanto o sr. Santos não deixar de ser empresario, não deixa essa vasta sala de se encher todas as noites; tal a varinha de condão que para chamar publico só elle sabe manejar. Resta agora, depois de tantos attractivos, o da formosura. Já nem esse falta. Lá está á gentiliissima miss Bianca Brassey, n'uns trabalhos arrojados, que parecem escolhidos propositalmente para lhe pôem em evidencia fascinadora as curvas elegantes, as formas donasiras, toda a victoria da plastica feminina.